

DESESTATIZAR AS BIBLIOTECAS: a última esperança de Edson Nery*

Informação & Sociedade: Estudos entrevista Edson Nery da Fonseca, uma personalidade que mais tem contribuído para o desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil. Contribuição, aliás, que sempre esteve sintonizada com o avançado pensamento estrangeiro. Tanto é que, assim como o professor inglês Kevin Harris (entrevistado do v.1 desta revista), Edson Nery é um entusiasta radical da desburocratização das bibliotecas. Do mesmo modo também que a professora croata Neva Tudor-Silovic (entrevistada do v.2), Edson Nery é defensor intransigente de que o mais importante não é o sistema, mas o usuário da informação. Edson Nery, também, não concorda que a Biblioteconomia seja uma ciência. O bibliotecário em todo caso, diz ele, é um técnico com todo direito a ser “louco”.

A palavra polemizadora de Edson Nery é (re)conhecida publicamente antes mesmo de ele se tornar bibliotecário. Sua estréia como escritor e crítico literário data dos idos de 40. Sua adesão à Biblioteconomia acontece logo em seguida, chegando ele a fundar e administrar vários órgãos e bibliotecas no país, além de se destacar como um dos mais conceituados professores e pensadores brasileiros da área. Recentemente, foi publicado de sua autoria *Acertos e desacertos da Biblioteconomia no Brasil*, obra originária de uma conferência proferida no Recife, em 12 de março de 1993, quando se comemorava o Dia Nacional do Bibliotecário. A entrevista que segue versa sobre o livro *Introdução à Biblioteconomia*, de 1992, que discute com profundidade o livro, a leitura, a biblioteca e o bibliotecário no Brasil e no mundo. Estas quatro unidades faz questão de acentuar Edson Nery, são fundamentais, são os “pilares da Biblioteconomia”.

-1992, ano de lançamento do seu livro, marca um momento de crise aguda do Estado brasileiro. O livro significa mais uma denúncia a um quadro que se reproduz pela “ignorância crassa de certas autoridades brasileiras”, como vislumbra o ministro Antonio Houaiss? Ou, em outra hipótese, encerra uma prova de que ainda vale a pena acreditar na biblioteca brasileira?

As duas opções são válidas. Eu só vejo uma solução para o problema das bibliotecas brasileiras: desburocratizar, ou melhor, desestatizar as bibliotecas. Eu sou um partidário radical das privatizações – tirar o Estado dos serviços públicos onde ele já demonstrou que não tem capacidade. Só sabe criar uma burocracia envolvendo gastos enormes e inoperância. Se não de todo privatizá-las, pelo menos, dar-lhes uma estrutura administrativa liberta das injunções governamentais. Por exemplo, a Biblioteca Nacional ter um diretor a cada governo. No momento, ela é dirigida por um escritor, que tem valor como poeta e como crítico, que foi nomeado pelo desastroso presidente Fernando Collor de Mello. E, entretanto, ele continua depois desse presidente deposto. Porque é defendido em suas pretensões pela Fundação Roberto Marinho. Então, isso é uma coisa triste. O resultado disso é que a Biblioteca Nacional há anos que não publica a *Bibliografia Brasileira* – que é uma obrigação legal que ela tem – e passou a publicar uma revista de poesia.

* Entrevista concedida a Antonio Roberto Costa, aluno do Curso de Mestrado em Biblioteconomia da UFPB

Aliás, fraca como revista. Então tem dinheiro para publicar poesia, mas não para a Bibliografia Brasileira. Quer fazer daquilo um centro de diletantismo literário. E do mesmo jeito está acontecendo com o Instituto Nacional do Livro. Até porque os próprios bibliotecários não se impõem. Eu denunciei quando Afonso Romano de Santana foi nomeado, com um artigo no Jornal do Brasil. E, entretanto, os bibliotecários não se solidarizam comigo. Eles aceitam as coisas como o governo as quer. Falta nível na classe para se impor e reivindicar coisas como estas.

-O livro, sua autoria e seu conteúdo: como foi o processo de concepção-textualização da *Introdução à Biblioteconomia*?

Coube-me ser o primeiro professor da disciplina *Introdução à Biblioteconomia* na Universidade de Brasília. Eu não seguia aquela estrutura que estava no currículo, não. De ano para ano, adotava um conteúdo diferente. Finalmente, na hora em que a UnB me dá uma licença sabática para escrever um livro sobre *Introdução à Biblioteconomia*, então eu já parti para um conteúdo completamente diferente. Pensei muito e achei que nenhum daqueles conteúdos didáticos que eu adotei satisfaziam. *Introdução à Biblioteconomia*, realmente, deveria se estruturar em torno desses quatro elementos que constituem a Biblioteconomia – o livro, a leitura, a biblioteca e o bibliotecário. De modo que se, hoje, voltasse a dar a disciplina, eu a organizaria de acordo com essas quatro unidades. Parecem-me fundamentais mesmo – os pilares da Biblioteconomia como ciência ou arte. Aliás, eu acho que a Biblioteconomia é mais uma arte, que se apóia em ciências. A Biblioteconomia teria a perspectiva de melhorar apoiando-se em novas ciências. E não de tornar-se ela própria uma ciência.

-O seu livro acusa o atraso da incorporação da disciplina *Introdução à Biblioteconomia* nos currículos acadêmicos. Até que ponto houve mudança de lá para cá? Ou seria seu livro ainda a resposta mais contundente a essa lacuna, aliás, que até então estaria preenchida apenas por manuais?

O objetivo de *Introdução à Biblioteconomia* é de aglutinação de disciplinas que eram dadas como compartimentos estanques. E daquilo resultava o bibliotecário sair do Curso de Biblioteconomia com uma visão departamentalizada. Sem ter das diferentes disciplinas uma visão global. Acho fundamental que exista a disciplina para acabar com essa deformação que havia na formação do bibliotecário. O livro seria, talvez, um marco em língua portuguesa. O livro tem só o mérito de ter sido o primeiro escrito em português sobre essa disciplina. Havia, no Brasil, a edição em língua portuguesa da primeira *Introdução à Biblioteconomia* escrita em inglês. Que, aliás, era muito mal editada e muito americanizada. Eu resolvi, por isto mesmo, incluir em cada capítulo uma parte sobre o Brasil.

-Outro ponto que o senhor trata no livro é a “explosão bibliográfica”. A Biblioteconomia brasileira, hoje, estaria em condições de provocar também sua explosão?

Eu acho que, além da explosão bibliográfica geral, existe uma explosão bibliográfica dentro de cada disciplina. E a Biblioteconomia é uma das áreas mais explosivas. Pelo número de revistas em francês e inglês, principalmente, e espanhol. Essas revistas, periodicamente, nas revisões de conjunto, nas publicações terciárias, produzem uma literatura realmente explosiva. No Brasil, porém, as coisas funcionam com muito atraso, precariamente. Basta dizer que, anos atrás, havia várias revistas e, de repente, caiu tudo. O que é um sinal de crise, não só econômica. Quando há produção intelectual se consegue. A crise é de pensamento biblioteconômico.

-O Mestrado em Biblioteconomia da UFPB há anos encampa uma proposta multidisciplinar, a qual corresponderia àquele (também seu) ideal da Biblioteconomia como pós-graduação. Os estudantes egressos de outros cursos se ressentem muito, portanto, de elementos introdutórios à área. Didática e metodologicamente, então, como o ensino de pós-graduação poderia utilizar também do seu livro?

A única solução que eu vejo para a vivência da interdisciplinaridade é a dos seminários. Dentro da rotina pedagógica não é possível exercer a interdisciplinaridade. Aí, sim, os seminários são estruturas dinâmicas que conseguem fazer com que a interdisciplinaridade funcione. Eles viriam complementando o currículo. Realmente, eu reconheço (um pouco confessando um pecado e um pouco orgulhosamente) que o livro foi escrito para um nível de pós-graduação. Eu acho que, pelo menos, os atuais alunos de graduação não são capazes de perceberem o alcance de certas discussões que ele propõe. Mas, eu acho que seria benefício também para os alunos de graduação.

-Biblioteca como “assembléia de usuários da informação” seria um conceito acertado? Por que? E, talvez, irreversível por quais motivos? Até que ponto o ensino de Introdução à Biblioteconomia pode contribuir para sedimentar essa consciência?

Esse é um conceito de combate. Conceito que foi inspirado, que foi anunciado para combater a mentalidade antiga de biblioteca como instituição parada, estática. Assim como ocorreu com a Igreja que, depois do Concílio Vaticano II, passou a ser encarada menos como uma estrutura hierarquizada. Passou a ser chamada de “Povo de Deus”. Então, essa imagem me pareceu muito apropriada para passar-se a encarar a biblioteca menos como coleção de livros devidamente catalogados e classificados, ou muito bem administrados, mas sim como uma assembléia de usuários da informação. Acho que sedimentar uma consciência nesse sentido é uma hipótese a ser trabalhada, desenvolvida por quem se interessa. Como uma possibilidade de estruturar, de expandir o conceito. E o ensino de Biblioteconomia tem essa responsabilidade. Pragmaticamente, ele tem como objetivo que as bibliotecas melhorem, passem a servir melhor aos usuários, ao povo.

-Um dos capítulos do seu livro é dedicado à leitura. Isso pode supor que o ensino de Biblioteconomia deve se preocupar mais com o bibliotecário também leitor?

Sem dúvida nenhuma. Eu tenho lido, anualmente, o Anuário da Enciclopédia Britânica em que há um pequeno capítulo sobre bibliotecas. E Habermas Williams, um bibliotecário inglês que escreve sempre um anexo sobre os Estados Unidos (escrito por outro), ele está sempre se queixando da formação de nós bibliotecários. Com prejuízo da formação humanística. E isso é um mal terrível. O bibliotecário também deve ser, é claro, um leitor por excelência. E não aquele que conhece todos os livros, mas não leu nenhum. Não quero dizer que se estuda Biblioteconomia por amor aos livros. Estuda-se Biblioteconomia por amor ao leitor. Mas, esse amor ao leitor não exclui o amor ao livro. Sem divinizar-lo. Também não chego a esse ponto, porque há livros que causam muito mal às pessoas. O livro não é um bem em si mesmo. Quem disse a palavra magistral sobre o papel do bibliotecário nesse sentido foi Ortega y Gasset, ao escrever que imagina o futuro bibliotecário como um filtro que se interpõe entre a torrente do livro e do homem. Um filtro seletivo no melhor sentido da palavra. Absolutamente não censor.

-“Humanismo neles”. Como estender e fazer crescer, desde a Introdução à Biblioteconomia, essa bandeira ao longo de um curso que encerra, em princípio, tantas disciplinas técnicas?

Perfeitamente válido: “humanismo neles”. A medicação adequada é essa. Para fazer com que os bibliotecários sejam técnicos, mas tenham técnica só dentro da técnica. Como dizia Fernando Pessoa ou o heterônimo dele Álvaro Campos, que era engenheiro naval, aliás. Entretanto, ele dizia: “Sou um técnico, mas só tenho técnica dentro da técnica. Fora disso, sou louco com todo direito de sê-lo”. Então, o que é preciso semear é um humanismo em doses cavalares.

-Biblioteca e novas tecnologias da informação. Introdução à Biblioteconomia deve já se encarregar de incorporar essa temática à formação do bibliotecário?

Sem dúvida. Eu não dediquei mais atenção a esse aspecto porque não estou enfronhado nele. Eu considero que as novas tecnologias são absolutamente necessárias, devem ser todas incorporadas. Fui dos que mais lutaram para que as tecnologias que apareceram na época em que eu estava fazendo o curso de Biblioteconomia e logo depois de formado não fossem desprezadas e até repudiadas como foram por muitos bibliotecários. E isto se refletia no combate, na oposição que faziam à documentação e aos documentalistas – porque foram eles que vieram com as primeiras tecnologias. De modo que eu me sinto à vontade para aplaudir a inserção das novas tecnologias ou de um capítulo sobre as novas tecnologias, as possibilidades tecnológicas que se apresentam numa Introdução à Biblioteconomia. Eu poderia até pedir colaboração. Como ocorre com outras Introduções à Biblioteconomia, como a do Jesse Shera (que é a que eu mais gosto), uma bibliotecária foi convidada por ele para escrever sobre certos assuntos. Então, eu aceitaria a colaboração de uma bibliotecária como Cordélia Robalinho Cavalcanti – que entende tanto disso – para incluir capítulo numa segunda edição. Tomara que haja segunda edição.

-O senhor vem acompanhando as oportunidades profissionais do bibliotecário há bastante tempo. Qual a demanda, então, do mercado de trabalho em relação ao bibliotecário nos anos 90?

Eu estou muito apreensivo com a notícia de que grandes escolas de Biblioteconomia dos Estados Unidos fecharam suas portas. Como a de Columbia, como a *de Western Reserve University* – que foi a escola que mais incorporou novas tecnologias. Não entendi ainda que está acontecendo. Talvez seja a possível substituição do bibliotecário por outro especialista. Porém, não creio que isso ameace o papel do bibliotecário na sociedade. Porque quando o bibliotecário tem realmente valor, ele incorpora, trabalha em conjunto com essas novas especializações, esses novos especialistas. Uma coisa não exclui a outra.

-Quais são hoje as maiores preocupações do autor/professor/pesquisador em Biblioteconomia Edson Nery da Fonseca?

Dois livros foram publicados – um no Brasil e outro na França – que, no meu entender, vão contribuir para uma mudança radical nos cursos de Biblioteconomia e na visão do bibliotecário em geral. São dois livros completamente diferentes: aqui está a teoria, ali a prática. Um é o *Cours de mediologia generale*, escrito pelo ensaísta Gerird Debret, e o outro é *Multimídia: conceituações, aplicações e tecnologias*, de Eduardo Chaves. Estes podem servir de orientação para que se pense numa futura reformulação geral do currículo de

Biblioteconomia. A fim de que se tenha uma fundamentação teórica e uma instrumentalização pragmática, prática para enfrentar as exigências do terceiro milênio. Talvez, a solução esteja aí. Nessa absorção pelo bibliotecário da urgência da necessidade de enfrentar as demandas de um mundo envolvido, cada vez mais, pelos multimeios.

PRIVATISING LIBRARIES: the last hope of Edson Nery